

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS



Idealização
ALEXANDRE RIBEIRO

2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	3
AS CINCO CARACTERÍSTICAS DE UM BOM PROFESSOR DE ARTE/MÚSICA:	5
OUTRAS QUESTÕES IMPORTANTES.....	8
O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	17

APRESENTAÇÃO

A música sempre esteve presente nas diversas relações sociais, povos e culturas, desde os primórdios da humanidade, não se conhecendo agrupamento social que não tenha sua própria manifestação daquilo que conhecemos por música.

Essa arte, cujo nome advém da expressão grega *musiké téchne*, a arte das musas, fez e faz parte das liturgias religiosas, do entretenimento e do conhecimento humano. E hoje se sabe, através de estudos relacionados à cognição musical, do desenvolvimento mental e motor que essa arte traz, além de potencializar competências e habilidades inerentes a outra dimensão do sujeito que a aprende.

Um ensino preocupado com a formação integral do indivíduo, também se preocupa com o ensino de música, ou seja, com aquilo que é motor, cultural, social, espacial e mental. Portanto, estudar música implica benefícios para além dela, como o grande prazer e bem-estar que ela gera através de liberação de endorfina e dopamina, o aprimoramento das funções executivas no córtex pré-frontal, a propriocepção do córtex pré-motor, o aumento da comunicação entre os hemisférios cerebrais com a densificação do corpo caloso etc.

Para a formação das redes neurais é preciso que haja repetição, na música acontece o mesmo, sendo assim, uma das principais demandas do professor é conseguir fazer com que as repetições não assim pareçam, seja dando roupagens diferentes a um mesmo exercício, seja criando propostas diferentes para um mesmo movimento.

Nossas propostas partem do princípio afetivo, apontado por Wallon e comprovado pela neurociência atual, de que o afeto é primordial para o aprendizado. Sendo assim, nossas propostas pedagógicas são sempre pensadas para serem agradáveis, porém, cientificamente embasadas, seja tocando, escutando, compondo, refletindo, em suma, musicando (musicar é o ato de fazer qualquer coisa relacionada à música, cunhado por Christoph Small).

A Cognição Musical é uma área de estudo que investiga como as pessoas adquirem, processam e utilizam informações musicais. A partir dessa perspectiva, é possível compreender melhor como a música é aprendida e como os indivíduos se comportam em relação a ela.

No entanto, é importante destacar que a Cognição Musical não é a única área de estudo a ser considerada no ensino e na aprendizagem da música. A Educação Musical também deve ser considerada, uma vez que envolve aspectos como a formação do

professor, a metodologia de ensino, a infraestrutura escolar, o apoio da família e da comunidade, entre outros.

Embora a compreensão dos processos cognitivos seja fundamental para o ensino efetivo da música, é necessário considerar todos os aspectos que influenciam a aprendizagem musical, a fim de proporcionar um ambiente de ensino adequado e eficiente. Compreender a Cognição Musical é um aspecto importante, mas não é suficiente para garantir a excelência no ensino e na aprendizagem da música.

Por mais que existam benefícios futuros no aprendizado musical, seja por uma evolução técnica de repertório, seja por benefícios neurais colaterais, os momentos de aprendizado durante as aulas são um fim em si mesmo.

É nesse contexto que entra o docente, como mediador do processo de aprendizagem, transpondo o mundo complexo da música para uma linguagem acessível, observando que o educando também possui um repertório musical que pode ser a chave para um aprofundamento das questões práticas e teóricas que essa arte traz consigo. Portanto, ensinar e aprender música é ir em direção a uma completude do ser.

AS CINCO CARACTERÍSTICAS DE UM BOM PROFESSOR DE ARTE/MÚSICA:

Para se construir uma boa aula são necessários diversos elementos, práticas e saberes. No processo de mediação do ensino/aprendizagem encontra-se o professor, partícipe e figura importante dentro desse processo. Em conformidade com esse pensamento, destacamos cinco competências e características de um bom professor. São elas:



- **Conhecer o que se ensina:** o profissional que domina o assunto que leciona está sempre se atualizando e se aprofundando nas discussões pertinentes à sua disciplina. Para Freire: “A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência.” (2021, p. 90).

- **Dominar metodologias diversificadas:** aulas somente expositivas podem se tornar entediadas e desinteressantes. Trabalhar com outras metodologias e propostas pedagógicas, por sua vez, podem quebrar a rotina, tornando as aulas momentos instigantes e envolventes. Um mesmo conteúdo pode exigir abordagens diferentes para sua compreensão, o ritmo não se aprende só pelo solfejo falado, mas também, e através da, percussão corporal, do ouvir uma música que se gosta, entre tantas outras formas. A

música com suas competências e elementos pode ser ensinada de diferentes maneiras, por meio de uma pedagogia schafariana, orffiana, villalobiana, etc.

É desafiador medir o conhecimento que os alunos adquirem em uma aula. Atividades, projetos, testes e provas são formas de avaliação que apontam o que foi aprendido, mas não são suficientes para avaliar o aprendizado completo. O ensino de música envolve mais do que apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas; é uma experiência emocional e subjetiva. O aprendizado musical se baseia em cada aluno e sua relação com a música, o que torna difícil para o educador ter certeza de como o aprendiz experimentou o processo de aprendizagem. Afinal, trata-se de algo pessoal e intrínseco, que envolve a subjetividade de cada aluno e sua relação com a música.

• **Ter a habilidade de criar vínculos** de confiança e afeto com seus alunos. Segundo Hallam: “Fatores sociais, como o apoio dos pais, a personalidade do professor e interações entre pares também se mostraram mais relevantes do que a quantidade de prática para alcançar altos níveis de execução musical” (2011 apud MEIRELLES, STOLTZ e LÜDERS, 2014, p. 124). Desnecessário dizer que um professor precisa conhecer bem sua área, não é possível aprender inglês com um professor que não conheça o idioma, porém, é preferível empatia e capacidade de se criar vínculos com os alunos do que grandes habilidades técnicas.

No contexto do ensino de música, aprender observando é uma possibilidade, mas essa forma de aprendizagem pode não ser tão eficaz quanto aprender através da interação com um professor que nos ensina de forma intencional. O ensino e a aprendizagem musical são fenômenos sociais e dependem da interação dinâmica e recíproca entre o professor e o aluno. Professor e o aluno interagem e suas ações afetam o processamento cerebral um do outro. O professor pode ajustar sua abordagem para ensinar um conceito específico de acordo com as perguntas ou necessidades de um aluno, o que pode melhorar significativamente o desempenho do aluno. Portanto, é importante destacar que a aprendizagem musical é mais eficaz quando há uma interação social entre o professor e o aluno, pois as ações e a comunicação entre eles podem afetar significativamente o processo de aprendizagem.

• **Organização, pontualidade e assiduidade** são elementos importantes para o bom funcionamento da comunidade escolar, bem como das aulas. Junta-se a isso dar conta das burocracias exigidas pela profissão (preenchimento de diário on-line, criação e entrega de planejamentos e responder e-mails).

• **Criatividade, proatividade e entusiasmo** sem dúvidas fazem fluir melhor o processo de ensino/aprendizagem, além de despertar no aluno sua própria criatividade. Não devemos nos contentar em fazer apenas aquilo que é “obrigatório”.

Essas características não estão em ordem de importância, tão pouco têm a mesma importância, pois, se o professor não for capaz de criar vínculos emocionais com a turma, o restante não se sustenta.

OUTRAS QUESTÕES IMPORTANTES

Outras questões importantes dentro do dia a dia escolar, buscando sempre melhorar as aulas, e a fim de dar um feedback, a coordenação sublinha os seguintes pontos:

- **Criação de um ambiente de aprendizagem agradável:** a organização e o uso de espaços e recursos para os objetivos de aprendizagem contribuem para uma aula melhor; a desorganização e o desarranjo dos materiais e da sala podem demandar um tempo que seria empregado na aula, podendo refletir no comportamento do educando sobre aquilo que é posto em sala.

A percepção auditiva do ambiente musical é responsável por selecionar os elementos sonoros que são mais relevantes para cada indivíduo, levando em consideração suas necessidades físicas, cognitivas e emocionais. O cérebro humano busca encontrar sentido nas informações musicais que são vivenciadas e percebidas no ambiente sonoro.

Situações e assuntos musicais que são considerados relevantes, significativos, novos ou que geram bem-estar emocional mobilizam a atenção do ouvinte. Existe uma forte ligação entre atenção e motivação musical, e quando estamos emocionalmente engajados com a música, nossa atenção é direcionada para a experiência musical que nos mobiliza.

Ao prestar atenção a determinados elementos musicais, como melodia, harmonia, ritmo, letra, timbre ou outros aspectos, ativamos certos circuitos neurais em nosso cérebro, que produzem as memórias musicais e possibilitam a aprendizagem musical. A ativação repetida desses circuitos neurais é fundamental para a consolidação dessas memórias e para o desenvolvimento musical.

- **Interações na aula:** como os alunos interagem entre si, com o professor e com os objetos de conhecimento. No processo do ensinar, o conhecer o outro, a relação interpessoal e o diálogo são de extrema importância, principalmente no campo da música. Através da música, da predileção e do universo cultural do aluno, pode-se construir e trabalhar os mais diferentes componentes e elementos musicais, conseqüentemente as habilidades e potencialidades de cada educando. Ao abrir um espaço de diálogo com os estudantes no ensino de música, os professores transmitem a mensagem de que suas vivências e experiências musicais são valiosas e serão incorporadas aos processos de ensino e aprendizagem. Essa mensagem é extremamente importante no início do ano

letivo. Ao conhecer melhor seus alunos e suas preferências musicais, um professor experiente consegue conectar o conteúdo curricular com seus interesses, incentivando assim uma maior motivação, autonomia e protagonismo dos estudantes em relação ao aprendizado musical.

- **Motivação na aula:** diz respeito ao entusiasmo do professor e dos alunos.

O ambiente de ensino é um espelho para o comportamento e postura de alunos e educadores. Provavelmente um professor desmotivado gerará sentimentos semelhantes em seus alunos. Em seu livro Karnal relata:

“Todas as profissões têm sua “perda de aura” no enfrentamento entre a pluma do ideal e o aço do real, mas aquelas que trabalham com a formação de pessoas parecem tornar esse desgaste ainda mais gritante, pois contrariam a descoberta que uma aula deve ser. Continuar descobrindo coisas em nossa área pode ser uma forma de diminuir bastante esse desgaste. Ler, criticar, discutir, reunir-se com outras pessoas interessadas em não morrer profissional e pessoalmente podem ser caminhos para atenuar esse desgaste.” (2007, p. 11).

- **Relação humana e atenção ao humor do aluno durante a aula:** dentro das construções que se criam no processo de ensinagem, o incentivo se torna uma das principais forças motrizes do aprender, isso é possível dentro de uma relação saudável estabelecida em aula. Observar os sentimentos e humores do outro é de suma importância para uma educação saudável.

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 2021, p. 110).

Nossas propostas partem do princípio afetivo, apontado por Wallon (1981) e comprovado pela neurociência atual, de que o afeto é primordial para o aprendizado. Sendo assim, nossas propostas pedagógicas são sempre pensadas para serem agradáveis e com embasamento científico.

- **Informação não utilizada é informação perdida:** toda informação e aprendizagem propostas em aula devem ser desenvolvidas. A prática musical só se aperfeiçoa se for constante. No ensino de música, a constituição de sentido desempenha um papel crucial nos processos de aprendizagem. Embora o professor possa ensinar o mesmo conteúdo a todos os alunos, a forma como cada um deles processa as informações é única e particular, sempre pensando equanimemente. A aprendizagem não é

simplesmente uma questão de absorver informações de forma passiva e automática. Se as informações não fizerem sentido para o aluno, se não o fizerem refletir ou não o impactarem de alguma forma, é muito provável que ele as esqueça e que elas não sejam consolidadas como conhecimento em sua memória. Portanto, é fundamental que o professor adote uma abordagem personalizada, adaptando seu ensino às necessidades e estilos de aprendizagem de cada aluno, de forma a garantir que as informações sejam assimiladas e transformadas em conhecimento duradouro.

- **Organização do conteúdo:** mesmo que muitas vezes a aula planejada não saia conforme o plano de aula, é mais fácil para professor e aluno ter um planejamento, seja por período, contendo os assuntos a serem abordados, seja aula a aula. Sem dúvida, conhecer o perfil dos alunos melhora a eficácia do planejamento, mas ter no horizonte a resposta da pergunta “qual conhecimento quero que o aluno adquira” é o mais importante, uma vez, podemos atualizar e reorganizar as estratégias para que esse conhecimento integre o ser do aluno. Sabendo que, em algum momento, apresentações acontecerão (e são sempre motivadoras para todos), é importante considerarmos a preparação de um repertório dentro da possibilidade de cada educando.

- **Autoeficácia:** mais importante do que “o que” ensinar é “como” ensinar, uma vez que o principal é o aluno aprender e não o professor ensinar, o aluno deve ser protagonista do seu processo de aprendizagem (Paulo Freire e Lemov).

Deve-se limitar os não, sem ser permissivo, e exaltar as possibilidades ao invés das proibições. O sucesso alavanca a autoestima, pequenos desafios passados em uma aula contribuem para a sensação de autoeficácia. Mais do que expor conteúdo, buscamos o “fazer juntos”, seja fazendo um ritmo em cordas soltas, cantando uma melodia e tocando um baixo ou simplesmente marcando um pulso com palmas, o intuito é sempre o de trazer experiências estéticas (Ponty) no ato, e não na exposição bancária.

A experiência que nos subtrai por alguns instantes do mundo do trabalho e nos devolve à consciência de que somos seres humanos, expressando beleza. Belo, não é necessariamente aquilo que é “bonito”. De acordo com o fenomenólogo Merleau-Ponty (2006), a beleza não é atributo do objeto de contemplação, coisa observada. Também não reside no sujeito que contempla. A beleza nasce da relação única entre determinado sujeito que se entrega à contemplação e determinado objeto contemplado, oportunizando a experiência estética. (LUCCA, 2013, p. 25).

Com exceções, estudar em casa é um privilégio que poucos têm, seja por conta da carga horária, pela falta de instrumento etc., sendo assim, buscamos, no coletivo, atender às necessidades individuais e do grupo, usando o musicar (termo cunhado por

Christoph Small, que entende qualquer atividade envolvendo música, escutar, compor, improvisar, tocar etc.) como meio de expressão e fortalecimento dos vínculos.

No ensino de música, a atenção seleciona o que é mais relevante para cada estudante de acordo com suas necessidades físicas, cognitivas e emocionais. O cérebro busca encontrar significado nas experiências musicais que são vivenciadas e percebidas no ambiente. A atenção é despertada por situações e temas relevantes, significativos, novos ou que geram bem-estar, ou seja, por aquilo que motiva o estudante. Existe, portanto, uma forte ligação entre atenção e motivação no processo de aprendizagem musical. Quando estamos motivados e emocionalmente engajados, nossa atenção é direcionada para a experiência musical que nos mobiliza. A atenção também contribui para que determinados circuitos neurais sejam mais ativados do que outros, e é a ativação repetida desses circuitos que resultará em memórias duradouras, favorecendo, assim, o processo de aprendizagem musical.

Apesar de diversas razões levarem o estudante a ingressar no curso, só se aprende o que se quer e o que se precisa, o vínculo com o professor e com colegas de classe são uma das principais razões para permanência dos alunos, pouco importando o nível de proficiência instrumental deles, sendo assim, promover uma interação saudável entre os alunos potencializa o espectro de aprendizagem, dessa forma, aproveitamos essa característica das aulas coletivas o tempo todo, fazendo jogos improvisatórios integrando todos (sem desrespeitar as individualidades), convidando os alunos a se observarem uns aos outros, promovendo feedbacks entre si, entendendo que a troca entre eles é tão saudável quanto o feedback do próprio professor.

O que motiva um aluno a estar em uma aula de música? Motivação é uma pré-condição para a aprendizagem. A motivação para aprender é que dá direção e intensidade a conduta humana em um contexto educativo. O professor é figura-chave na motivação dos alunos - se um professor não está motivado e não exerce de forma satisfatória sua profissão, dificilmente será capaz de transmitir entusiasmo, interesse pelas tarefas escolares e motivar seus alunos. O autêntico professor não pode apenas se fazer professor, ele deve sê-lo. A motivação pode ser entendida como a ativação antecipada do sistema de recompensa que impulsiona o aluno a agir. É a força que nos faz levantar da cama, encarar o dia, dedicar-nos ao estudo da música, enfrentar desafios, experimentar o inesperado, descobrir novas possibilidades e, em última instância, viver a vida de forma mais plena. A crença do aluno em sua própria capacidade de realizar uma tarefa ou lidar

com uma situação específica, também conhecida como autoeficácia, é um dos fatores que influenciam a motivação no aprendizado musical. A percepção de autoeficácia aumenta a motivação, incentivando o aluno a se engajar mais na prática e no estudo da música.

O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS

O ensino coletivo de instrumentos musicais (ECIM) não é mais novidade no Brasil, ele existe há, pelo menos, duas décadas, e muito material pode ser encontrado sem dificuldade, seja referente ao manuseio da modalidade, seja de repertório, exercícios e afins.

O ECIM, como foi definido nos anos 2000, tem sido, por uma série de motivos, a modalidade mais empregada no ensino musical nos dias de hoje e, ainda assim, por conta de diversas dificuldades inerentes ao modelo, há muitos obstáculos a serem superados pelos professores. Partindo da experiência do autor, este texto busca amenizar essas dificuldades:

ZUK et al. (2014, 2015, 2018) afirmam que tocar um instrumento musical – especialmente em práticas de conjunto – requer a evocação de várias subfunções relacionadas às FE [Funções Executivas], tais como: atenção dividida, concentração na conclusão de metas por atenção sustentada e outras tarefas que exigem flexibilidade mental. Apontam que grupos expostos a treinamento musical apresentam ganhos significativos de cognição e melhora acadêmica em habilidades de linguagem em vários domínios, tais como habilidades verbais, habilidades fonológicas em crianças em idade pré-escolar, processamento da compreensão verbal e prosódica e seletividade verbal em meio a ruídos quando comparados a grupos que não tiveram treinamento musical. Acrescentam que a exposição ao treinamento musical regular também afeta a estrutura do cérebro e sua funcionalidade, intensificando sua plasticidade. (apud BORTZ, 2020 p. 7).

Cada instituição tem objetivos e necessidades diversas, há aquelas que primam pelo lúdico, outras pela excelência técnica, pela inclusão social, assim por diante. Uma das maiores dificuldades encontradas, nas diferentes instituições, é a grande diferença de idade, muito mais do que a diferença entre os níveis de conhecimento.

Pensar em ensino coletivo de música para todos é sempre um desafio. É importante tratar as aulas de instrumento coletivo como uma iniciação musical e só a partir daí pensar em uma formação instrumental. O nosso ensino coletivo é voltado para uma orientação humanística e social, respeitando a diversidade cultural e inclusão, e dessa forma buscar metodologias que deem conta de acolher esses alunos. Levitin aponta que:

O fazer musical coletivo pode estimular a coesão social: os seres humanos são animais sociais, e a música pode ter servido historicamente para promover sentimentos de associação e sincronia grupal, talvez constituindo, além disso, um exercício para outros fatos sociais, como a capacidade de esperar seu momento de falar numa conversa. Cantar ao redor da fogueira podia ser uma forma de ficar acordado, afastar predadores e desenvolver a coordenação e a cooperação sociais no interior do grupo. Os seres humanos precisam de vínculos sociais para fazer a sociedade funcionar, e a música é um deles. (2010, p. 291 e 292).

Para o educador que está inserido no ECIM, deve-se pensar na abordagem métodos ativos de musicalização como: Carl Orff, Zoltán Kodály, Jacques Dalcroze, entre outros. E, dessa forma, sair do ensino tradicional e desenvolver as habilidades funcionais da criança, o contato com a técnica base do instrumento, a ampliação musical, para que o aluno seja capaz de pequenas atividades de criação, estilo de polifonia, harmonia e conjunto. Trabalhar com o ensino coletivo não é dar uma aula individual para vários alunos numa mesma sala, mas trabalhar o mesmo repertório e trazer o aluno para junto disso; o aprendizado se torna compartilhado e os alunos trabalham em conjunto, um aluno observa o que o outro faz com a música, e o processo de aprendizagem pode acontecer mais rápido.

Para aprender música, seja na escola ou em outro ambiente qualquer, o aluno precisa, entre outras coisas, direcionar sua atenção ao que deseja aprender e evitar distrações com outros estímulos; possuir disciplina, organização e planejamento para se dedicar aos estudos musicais; saber trabalhar em equipe; refletir sobre como solucionar as dúvidas que surgem durante o processo de aprendizagem musical; abdicar de outras atividades que gostaria de realizar em alguns momentos em prol das tarefas musicais; e estar preparado para avaliações, mesmo sem ter a certeza de que terá sucesso.

No ensino coletivo, um aluno motiva o outro a estudar e a buscar meios de se aprimorarem, para desenvolverem suas potencialidades. Dessa forma é perceptível, aos olhos da criança, que ela contribuiu para a beleza do todo.

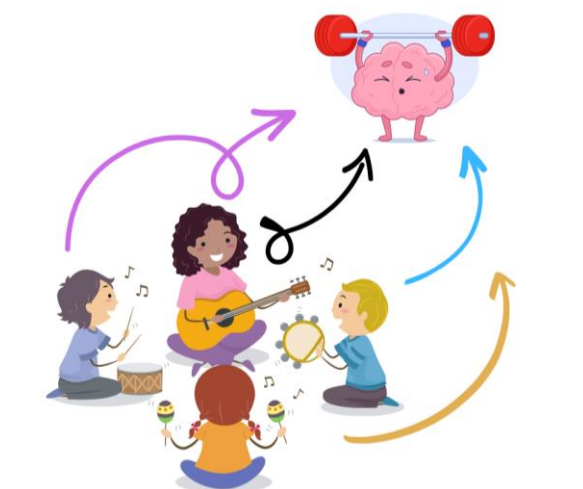
Essa discussão é aprofundada e pode ser acompanhada no link: <https://youtu.be/d99U7bdJD6c>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversas pesquisas têm mostrado e comprovado os diferentes benefícios que advém do estudo e da prática musical, isto é, do desenvolvimento cognitivo e da coordenação motora, do apuramento das capacidades de abstração, do impacto nas relações sociais, entre outras. De acordo com Levitin (2010, p. 254-255):

Na Universidade de Harvard, o neurocientista Gottfried Schlaug mostrou que a parte frontal do corpo caloso (a massa de fibras que liga os dois hemisférios cerebrais) é significativamente maior nos músicos, em particular naqueles que começaram cedo sua formação, o que reforça a ideia de que as operações musicais tornam-se bilaterais com a intensificação do treinamento, à medida que os músicos passam a coordenar e recrutar estruturas neurais nos dois hemisférios cerebrais, o esquerdo e o direito.

Vários estudos constataram alterações microestruturais no cerebelo depois da aquisição de capacitações motoras como as que são adquiridas pelos músicos, inclusive maior número e densidade das sinapses.



Assim sendo, tendo em vista os impactos da música no construto e formação do ser, o docente, enquanto mediador do processo de aprendizagem, transpõe o mundo complexo da música para uma linguagem acessível, sem banalizá-la, observando que o educando também possui um repertório musical que pode ser a chave para o aprofundamento das questões práticas e teóricas que essa arte traz consigo.

Ao considerar a música como elemento de ensino, podemos afirmar que os aprendizes possuem maneiras distintas de aprendizagem. Isso significa que não há uma rota única de aprendizagem que seja adequada para todos, sendo necessário diversificar as práticas pedagógicas e os recursos didáticos para que cada indivíduo possa colocar em jogo o seu próprio jeito de aprender.

Ao possibilitar um processo de aprendizagem personalizado na música, é possível mobilizar de forma mais efetiva a estrutura cerebral de cada aprendiz, o que potencializa o desenvolvimento das competências musicais. Dessa forma, é importante oferecer recursos e atividades variadas que possam atender às diferentes formas de aprendizagem dos alunos, permitindo que cada um alcance seu potencial máximo na música.

Logo, pensando nos diversos apontamentos e orientações discutidos aqui, vários caminhos e abordagens se tornam possíveis, visando os bons resultados que emergem das e nas boas práticas do educador e do educando.

REFERÊNCIAS

BORTZ, G. et al. Música, emoção e funções executivas: revisão narrativa da literatura. **Opus**, v. 26, n. 3, p. 1-30, dezembro 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20504/opus2020c2614>>. Acesso em: 24 novembro 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HALLAM, S.; CROSS, I.; THAUT, M. **Music Psychology**. 2ª. ed. Oxford: Oxford University Press, 2016.

KARNAL, L. Introdução. In: KARNAL, L. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 7-14.

LEVITIN, D. J. **This is your brain on music: the science of a human obsession**. 1ª. ed. New York: Dutton, 2006.

LEVITIN, D. J. **A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana**. Tradução de Clóvis Marques. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

LUCCA, L. D. **Arte na escola: A experiência estética como um dos caminhos para a promoção da vocação humana para o “ser mais”**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. 2013.

MEIRELLES, A.; STOLTZ, T.; LÜDERS, V. Da psicologia cognitiva à cognição musical: um olhar necessário para a educação musical. **Música em Perspectiva**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 110-128, Junho 2014. Acesso em: 08 Outubro 2022.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SAPOLSKY, R. M. **Comporte-se: A biologia humana em nosso pior e melhor**. Tradução de Giovane Salimena e Vanessa Barbara. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

SMALL, C. **Music, society, education**. 1ª. ed. Hanover: Wesleyan University Press, 1996.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Tradução de Ana Maria Bessa. 1ª. ed. Lisboa: Edições 70, 1981.